

Para José Mário Branco Fax-01-7575209  
De Regina Guimarães Fax-02-5101041

1/4

Romance 1ª versão - inspiração "folheto do crime"

Foi na vila de Afurada  
Que Toninho Vaz de Lima  
Matou de morte matada  
Sua mulher Marcelina.

Mas por aí não ficou  
sua fúria criminal  
Que tanto favor espalhou  
Nas gentes da marginal.

Pois Toninho descobriu  
Por artes do mafavuco  
que a Marcelina dormia  
Com o margão Nanel Chico.

Se a cama mal fizeres  
Nela te há-de deitar  
Que se deusa de prazeres  
O pior pode esperar

A dor de coroa é mais forte  
Que a mais brava dor de dentes  
Tombo, anjo da morte  
Deitou d'os serpentes.

A alma do assassino  
Executou a sentença  
que a grande lei do destino  
Aos amantes não dispensa.

Marcelina ensanguentada  
Inda pedia perdão  
Mas a ira insaciada  
Não pode ter compaixão.

Em leito mal amanhado  
Nanel Chico rressonava  
Quando o marido enganado  
A garganta lhe varava.

Quanto sangue, Virgem Mãe  
O crime é ruim veneno  
Nenhum mal virá por bem  
Se o inferno for pequeno.

Vaz de Lima em parte incerta  
Erra como um cão raivoso.  
Na sua vida deserta  
Não tem morte o criminoso.

A polícia tem escapado  
O medo torção-o esperto  
Mas diz o povo informado  
Que voltará encoberto.

Romance 2ª versão : Elogio e condenação da  
heróica seguindo os  
momentos do género

2/4

I - Deus te deu tal formosura  
E tanta graça no ser  
Que na noite mais escura  
Em sonhos te hei de ver.

A Arminda mulher perdida  
Tua sina era de cor  
Eras a boca da fenda  
Feita p'rás lides de amor.

Ai Arminda, pé de cabra  
Contigo hei de brincar  
Que a terra a meus pés se abra  
Se no céu não te encontrar.

II - [ Aos infernos baixarei  
Se ao inferno desceste  
Não há-de as chamas queimar  
Aquilo que não me deste.

III a - [ Ai Arminda, o teu cabelo  
Da cor do sangue plebeu  
Tinha a sina do novelo  
Onde o fio se perdeu.

III b - Cala o bico ó cantador  
Que essa Arminda era o diabo  
A três léguas em redor  
Se lhe via a cor do rabo.

IV - [ Ninguém nela tinha más  
Tinha a mão perto da brasa  
Em noite de S. João  
Botou fogo à própria casa.



V - Ao homens tirava o sizo  
 E o ouro que possuíam  
 Pela favor dum sorriso  
 Na mão de Armanda Coniam  
 Ao homem ganhou fardo  
 Pelo que se doaram  
 Mas o ouro do No  
 Para a mão chegou.

VI - Deus te deu tal formosura  
 E tanta graça no ser  
 Que na noite mais escura  
 Em sonhos te hei-de ver.

Armanda, mulher perdida  
 Dares ser la meu morada  
 De todos os homens querida  
 De nenhum homem achada.

Oh, Armanda, teu cabelo  
 Era de sangue pintado  
 E a vida de pseudelo  
 Neste mundo afogado.

O povo não te perdora  
 Que em velha ainda fosses bela  
 Metias as moças novas  
 Dentro da tua chinela.

VII - Cala o bico, ó Cantador  
 Essa cebra era um estafermo  
 Valha-nos Nosso Senhor  
 Que a mandou p'os Inferno.

## Romance 3ª versão - Tom moralista

O sangue corre nas veias  
 E nas bocas corre o mundo  
 As palavras tecem teias  
 E cavam poços sem fundo.

Correm ditos impossíveis  
 E falas que enlouquecem [E ditos que ensandecem]  
 E os presságios mais terríveis  
 Um dia vão acontecer.

Quantas vezes no olhar  
 De uma mulher desvariada  
 O futuro há-de encontrar  
 De uma história já passada?

Ai de ti que ouviste a voz  
 Que este crime revelou!  
 Pois nunca os males vêm só  
 Desde que Adão nos gerou.

Quantas vezes o trejeito  
 De uma boca insaciada  
 Se cravará no teu peito  
 Como flecha envenenada?

O sangue manda no gesto  
 E o ouro manda na gente  
 Pode mentir tudo o resto  
 Mas o corpo nunca mente.

Ai de ti se deres ouvido  
 A voz do sangue que grita!  
 Pois em todo o sentido  
 Mais manda a parte maldita.